

PACIÊNCIA

Paciência é perseverança no bem, através de todas as vicissitudes e de todas as circunstâncias. Sem ela, o aprendizado da existência se resume a recapitulações infinitas, nos séculos incessantes. Sem ela, sofreremos o tácio da impulsividade agressiva, contrariando as leis que nos regem e operando, por isso, contra nós mesmos, de vez que levantamos assim, invariavelmente, o círculo de fogo em que se nos atormenta o espírito fatigado. Não olvides que é preciso paciência na dor e na alegria. Na provação, ela é a serenidade, assegurando-nos a certeza de que o amanhã será luminoso recomeço. Nas horas de calma, é a temperança sussurrando-nos a necessidade de equilíbrio para que se não nos fira a consciência. Em razão disso, arma-te com ela, se te propões vencer na batalha de cada dia. Perante a ofensa, usa-a em forma de silêncio e perdão, favorecendo no adversário mais justa visão da vida. Ante a aflição, utiliza-lhe a influência para que os dissabores te não arrojem os sentimentos aos despenhadeiros da revolta. À frente da tempestade de qualquer procedência, refugia-te em seu templo de bondade tranqüila e espera sempre. Amaldiçoar a treva, ao invés de acender uma luz, é insânia da inteligência. Exigir frutos da erva tenra é loucura que não se compadece com o entendimento superior. Atirar petróleo à fogueira é ameaçar-se com as chamas do incêndio. Paciência é também amor, que trabalha e desculpa infatigavelmente.

Aprendamos, pois, a suportar e a esperar, servindo sempre, oferecendo ao mundo e à vida, aos amigos e aos adversários o melhor de nós mesmos e a paciência irradiar-se-á de nosso coração como sendo divina mensagem do céu à Terra, construindo em torno de nós, por nós e conosco, os sagrados alicerces sobre os quais erigirá Jesus, para o mundo, a glorificação do reino de Deus.

EMMANUEL

Nota do Editor: mensagem psicografada por Chico Xavier no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo | MG.

03/09/1954

388

P^{ROVAS}

O homem necessitado de provar a existência bate à porta daqueles que lhe podem conferir a bênção do trabalho e solicita emprego das próprias forças à procura do salário que lhe assegure a subsistência. Aqui é alguém que roga uma enxada para servir à sementeira, acolá é um operário que pede a máquina com que atenderá aos requisitos da indústria, mais além é o escritor que disputa a possibilidade de conduzir o pensamento do povo na direção do bem. Estabelecem-se acordos, lavram-se contratos, articulam-se entendimentos. O suplicante obtém os recursos que espera, contudo, não raro, abandona a enxada à ferrugem, desorganiza a máquina a golpes de indisciplina e usa a pena e o verbo na malversação dos próprios valores, perturbando os irmãos de caminho. Naturalmente, ao invés de socorro a si mesmos, semelhantes servidores, confiados à negligência e à revolta, apenas adquirem maiores débitos que lhes agravam as contas perante a vida e, de volta ao campo, à indústria ou à banca da inteligência são defrontados por obstáculos e dissabores que lhes favoreçam a corrigenda. Nessas bases, organizam-se também as **provas** na peregrinação terrestre. Antes da reencarnação, roga o espírito as lições e tarefas que julga indispensáveis à própria habilitação para a vida eterna. Dores, aflições, sacrifícios e dificuldades são categorizados, então, por bênçãos que lhe